

PREÂMBULO

INIMIGOS DA EVOLUÇÃO

Necessitamos estar atentos às mudanças, às exigências de nossa época e assim nos habilitarmos ao efetivo e eficiente desempenho de nossas atividades, de nossa missão social. Estamos na era do conhecimento, da informação, da tecnologia, em que fatos, descobertas mudam em questão de horas.

Vivemos um tempo sem pausa, com a presença das redes sociais, dos meios virtuais, da comunicação automática. Às vezes, há sequer a possibilidade ou perspectiva da espera. O maior inimigo da evolução é, por conseguinte, a estagnação, o medo do novo, o comodismo. Isso nos faz prisioneiros de nós mesmos, nos retém no casulo da ignorância, da involução, do egoísmo.

Cabe-nos a atribuição, o ministério – e para tanto nos sentirmos felizes - de (podermos) proporcionar o acesso àqueles que nos estão próximos, dentro de nossas possibilidades, a novos horizontes, a novos campos de conhecimento – pessoal, profissional – agregando conteúdos, perspectivas ao trabalho e propósitos de aprimoramento humano, social, econômico e tecnológico da coletividade.

O conhecimento, o relacionamento humano nos fazem ampliar a consciência individual e coletiva. Devemos, pois, aprender a esparzir de forma espontânea, sensível, tudo o que sabemos (os nossos talentos) e sempre com um olhar de profundidade, de enriquecimento interno, de comunhão coletiva.

Heróis

No Campo das Vertentes é comum ouvir, nos relatos sobre a II Guerra, a narrativa dos "Três Heróis". É que dois dos protagonistas dela nasceram e cresceram na região. Mas afinal, por que receberam esse título? Por que se destacaram entre tantos pracinhas que atravessaram o oceano rumo às trincheiras europeias? Por que foram enterrados com honras na Itália? Em mais um artigo colaborativo no nosso boletim, o professor e pesquisador Marcus Santiago conta detalhes dessa história.

página 03

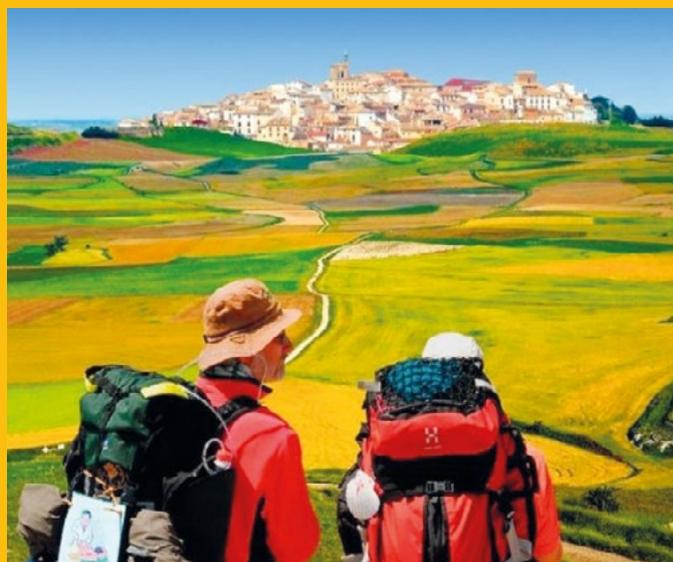
A picada de Goiás

A Estrada Real que ligava a Capitania de Minas Gerais a Goiás volta a ser pauta em nosso boletim. Em novo artigo, conheça a importância desenvolvimentista da via, viajantes importantes que passaram por ela e o seu impacto histórico no Campo das Vertentes.

Pág. 04

Caminho de São Tiago

"O Caminho de Santiago de Compostela, em termos religiosos e mesmo turísticos, é uma peregrinação cujo propósito é chegar até a tumba atribuída ao apóstolo São Tiago Maior, que fica situada na cripta de uma catedral na cidade de Compostela, região da Galícia, Espanha". Mas afinal, quem foi o santo que inspirou essa jornada e há mais de dez séculos?



Pág. 06

ADIVINHAS

1- O que dá volta no pasto inteiro sem se mexer?

2- Sou mais vasto que o mar

E ninguém me pode ver.

Todo o mundo é meu lugar,

Sem mim não podes viver.

O que sou:

Respostas: 1 - a cerca; 2 - o ar

Provérbios e Adágios

- Pela capa se conhece o dono
- Não se acorda o cão que dorme
- Mascarado de doutor anda por aí muito burro zurrador
- A pão duro, dente agudo (afiado)
- Amigos no emprestar, inimigos no entregar



Para refletir

• Um velho que não sabe dar ouvidos ao mistério dos riachos que murmuram desde os picos até os vales é tolo, uma múmia espiritual, que não é outra coisa, senão, passado estagnado. (Jung)

• Quando um ser humano desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor. (Goethe)

• Toda vez que se esmaga um princípio a troco de um interesse, se semeia com isso um gérmen de anarquia, que não tardará em brotar dificuldades ou crimes contra a ordem social. (Rui Barbosa)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA O ÁRBITRO PRECISO

As coisas, por ali, estavam em pé de guerra. Um barril de pólvora, prestes a explodir. Briga de fazendeiros, vizinhos, ocasionada por desavença sobre passagem. Busquemos entender melhor o motivo, o pomo da discórdia.

Para se chegar à sede da fazenda de São Antero, no fundão da grota - propriedade por ele e filhos moços tocada no eito e no peito - tinha-se que atravessar terras de Jota Odorico. Até aqui, nenhum problema, nenhum aborrecimento. Estrada, na verdade uma trilha, de muitas décadas, dizem até de séculos.

O problema passou, nos últimos tempos, a ser nas divisas, na entrada para as terras de São Antero, por onde se chegava, adentrando funda cava. Coisas antiqueras, tanto cava como estrada e passantes, rasgado o seio da terra, dia e noite, pelos cascos das boiadas que ali vazavam, tempos do Caminho de Goiás, oriundas dos imensos sertões rumo à Corte.

Jota Odorico, a contragosto e indignação do vizinho, decide plantar uma lavoura de café, bem na divisa, aproveitando o lançante e cabeceiras da grota. "Terra que não se pode perder", afirmava, resoluto, rompante já conhecido, a grossa barba por fazer. A cava é terraplanada, área preparada, adubada com gosto, um terreno realmente primoroso, de primeira. Dali, mudas no chão, cercado o espaço com arame farpado, morãozada de candeia e aroeira do sertão, deixando a passagem no centro do cafezal.

Dessa forma, para se ter acesso à fazenda de São Antero, agora tinha um empecilho, uma tronqueira colocada por Jota Odorico, à entrada da lavoura de café. Ou seja, para se atingir às suas terras, São Antero, filhos e viajantes, doravante, tinham que abrir e fechar a tronqueira, necessitando, para tal, geralmente, que aprear do cavalo, atrasando a viagem. Não aceitaram o fato. Passaram a deixar a tronqueira aberta, arregaçada, estilhaçada, picada por foice, espaço livre para o gado pisotear e pastar o cafezal.

São Jota Odorico conserta, repara a tronqueira; manda inúteis recados aos vizinhos; ei-la, no dia seguinte, em questão de horas, no chão. Guerra declarada. Discussões, dissensões entre as partes. A coisa foi esquentando, se agravando com falatórios, ameaças - até alegadas tentativas - de morte. Jota Odorico afirmara ter sido emboscado, certa feita, num desfiladeiro próximo, por um dos filhos de São Antero, só escapando por milagre, escapando dentre os arbustos da cava. Dali, assunto para polícia, advogados, justiça. Denúncias, notificações, meirinhos, audiências, perícias, certidões, pataquadas, testemunhas, processos, naquilo que faz a festa do judiciário, advogados, cartórios, Estado etc. Dinheiro comendo a grosso!

Como se sabe, de cor e salteado, arrasta-se o imbróglio por anos. Ânimos cada vez mais acesos, antipatias acumuladas, inimizades. A cada sessão, a cada peça movimentada do louco, escalafobético tabuleiro judicial, uma tragédia parecia inevitável. O prefeito da cidade toma, enfim, conhecimento do grave fato. Conversa com as partes. Assunta os vizinhos quanto a uma solução amigável. Requisita ser o árbitro da explosiva conjuntura. Toma providências. Consegue um acordo. Manda o veículo da Prefeitura, munido de rolos de arame (moirões, Jota Odorico cedera), homens, e em questão de horas, a lavoura é dividida e cercada longitudinalmente, com passagem livre ao meio e abolição de vez da tronqueira encrenqueira.

Assim, pela atitude precisa e lúcida de um árbitro, resolveu-se um problema, que se arrastara durante anos em tribunal, que quase gerara morte e que deveria ter sido resolvido, harmoniosa e agilmente, desde o primeiro momento, pela justiça institucional.



Em conversa com cidadã de nosso meio, que residiu e frequenta assiduamente os Estados Unidos, esta nos informou: a Justiça lá se baseia em três qualidades: simplicidade - celeridade - eficiência. A mesma pessoa, que conhece e tem familiares na Noruega, nos disse: Lá (Noruega) nenhum processo, por mais complexo, passa de 90 dias. Justiça ágil, prática, de fácil acesso, desburocratizada. Aqui, dez, vinte anos ou a eternidade... E grossos salários para muita gente...

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



Jovens soldados mineiros heróis na Campanha da Itália



Arlindo Lúcio



Geraldo Baêta



Geraldo Rodrigues



Por volta de 1942, a Pátria convocou vários de seus filhos para servir na II Guerra Mundial (1939-1945), sobretudo, jovens da região do 11º Regimento de Infantaria. Muitos compreendiam esse momento, como o começo de uma intervenção ativa do Brasil numa relação de negócios internacionais. A participação dos soldados brasileiros nesta guerra não foi simplesmente ir e lutar, mas pela questão de tratados feitos pelos países, a palavra dada e o cumprimento de um instinto de nacionalidade.

Depois de convocados, passaram por um período de duro treinamento, seguiram para o Rio de Janeiro e meses depois para a Itália. Os jovens convocados ao mesmo tempo em que estavam preocupados, sentiam medo, mas falavam entusiasticamente da sua ida para a Itália. A FEB-Força Expedicionária Brasileira, já lutando ombro a ombro com os aliados, iriam contribuir grandemente para exterminar as forças nazifascistas que devastavam a Europa.

Em meio ao campo de batalha, os soldados sentiam as dificuldades com o clima frio dos montes Apeninos e a luta em local montanhoso. No coração de alguns, o desejo grande de dar baixa e desistir, eram muitas as dificuldades que passavam e o perigo que os assolavam. Em outros brotavam inúmeros sentimentos de medos, incerteza, saudades e muito amor por aqueles que estavam do outro lado do mundo rezando e torcendo para que tudo desse certo e voltassem logo, sãos e salvos, o que não aconteceu para muitos. A única forma de comunicação para amenizar a saudade seria escrever cartas. A maioria em suas escritas pensavam que seria o último contato com seus pais, familiares e amigos; com isso faziam verdadeiras cartas cheias de afeto, ternura, patriotismo e esperança.

Dentre os 465 jovens sacrificados na Campanha da Itália, três deles segundo a história do livro "Expedicionários Sacrificados na Campanha da Itália" tiveram destaque por um ato de bravura e puro heroísmo. Foram eles: soldados ARLINDO LÚCIO DA SILVA, 25 anos, natural de São João del-Rei; GERALDO BAÊTA DA CRUZ, 28 anos, natural de João Ribeiro (atual Entre Rios de Minas) e GERALDO RODRIGUES DE SOUZA, 26 anos, natural de Rio Preto/MG. As condecorações foram recebidas de maneira póstuma sendo considerados os três Heróis Brasileiros, agraciados com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª e 2ª Classe.

A história conta que no dia 14 de abril de 1945 durante "um ataque a Montese, o pelotão foi detido por violenta barragem de morteiros inimigos, enquanto uma metralhadora alemã hostilizava violentamente o seu flanco esquerdo, obrigando os atacantes a se manterem colados ao solo – O soldado Arlindo, num gesto de grande bravura, levanta-se, localiza a resistência inimiga e sobre ela despeja seis carregadores da sua arma, obrigando-a a calar-se". Esgotada a munição que levavam, os três soldados Arlindo, Geraldo Baêta e Geraldo Rodrigues armam baioneta e partiram para o combate corpo a corpo com os alemães. Morreram como heróis combatendo. O reconhecimento dos corpos se deu pelas plaquetas de identificação que todos os militares levavam presas

ao pescoço por uma corrente metálica. Ao invés dos mineiros serem sepultados em valas comuns, o comandante da tropa alemã reconheceu a bravura destes pracinhas e fez a eles horas especiais, colocando-os em três sepulturas simples, com cruzes, e uma placa com a homenagem, "Drei brasilianische helden" (três heróis brasileiros), na localidade de Zooca. Os fatos foram relatados por alemães aprisionados após a vitória brasileira em Montese. Ali ficaram sepultados até serem trasladados para o Cemitério de Pistoia (Itália), depois para o Monumento aos Pracinhas no Rio de Janeiro.

Os combatentes da FEB, que foram mortos em plena ação da II Guerra Mundial, na época não tiveram seus corpos trasladados para o Brasil; desse modo, foi organizado em Pistoia na Itália, um Cemitério Militar Brasileiro. Esses heróis que dignificaram a nossa terra, morreram pela liberdade dos povos e pela organização democrática das nações. O cemitério esteve sob a guarda de um pequeno contingente de soldados brasileiros. Por muito tempo um sacerdote rezava pelos que se achavam ali sepultados debaixo da-



queas cruzes brancas e alinhadas.

A 20 de junho de 1962, os restos mortais dos 465 soldados foram trasladados para o Brasil, inclusive o corpo de Frei Orlando, patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Hoje, no local onde está localizado o cemitério, existe apenas o "Túmulo do Soldado Desconhecido". No ano de 1967, no lugar onde ficava o cemitério foi erguido um monumento votivo em homenagem à Força Expedicionária Brasileira, projetado por Olavo de Campos, discípulo de Oscar Niemeyer.

Essa página da história não pode ser esquecida pelos brasileiros, independente da ordenação dos fatos, esses três grandes soldados são heróis de nossa PÁTRIA. Devem ter suas histórias lembradas e reverenciadas. São exemplos do nosso Patriotismo. "Aquele que morre por seu país, serve-o mais, em um só dia, do que os outros em toda a vida" (Péricles)

Marcus Santiago
Membro do IGHST

A CAPITANIA DE MINAS GERAIS

300 anos de sua criação

(1720-2020)

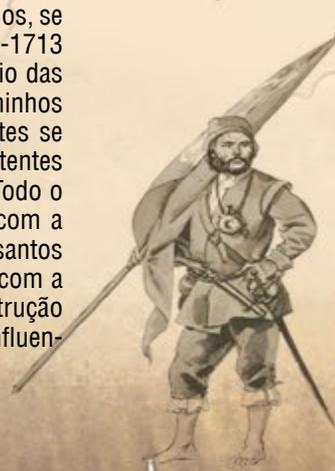
NOSSA REGIÃO E A IMPORTANCIA DA PICADA DE GOIÁS

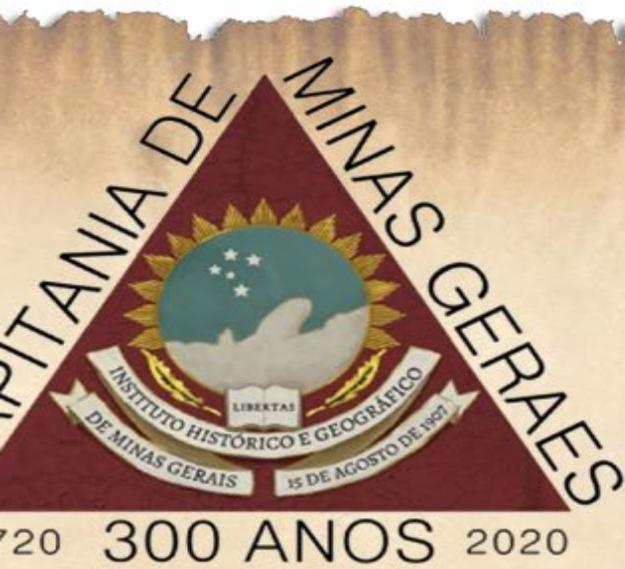
A criação da Capitania de Minas Gerais (1720), desvinculada de São Paulo, propiciaria o incremento de ações administrativas específicas, abertura de novas estradas, medidas de desbravamento, povoamento e disciplinamento dos sertões inóspitos, e tantos outros cuidados necessários dada a dimensão territorial e econômica da nova Capitania. O Caminho Velho (1597) e o Caminho Novo (1699) eram já estradas reais consolidadas; a Capitania de Minas Gerais demandava, porém, maior infraestrutura, como rotas de fluxo comercial, para escoar a extração aurífera que vinha das regiões centrais mineiras e ainda do Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso), o que culminaria na abertura da chamada Picada de Goiás.

O governo colonial, dessa forma, no intuito de interiorizar e promover o povoamento da Capitania desenvolveu políticas de concessão de sesmarias, o que ocorreria, com bastante ênfase, ao longo do século XVIII, além do envio de expedições oficiais ou privadas, com objetivos, dentre outros, de impor a autoridade real, cobrar impostos, punir réprobos da lei, reparar estradas.⁽¹⁾

A construção de estradas era, naqueles tempos, ferreamente proibida pelas autoridades coloniais com objetivos para se evitar o extravio ou “descaminhos” do ouro⁽²⁾. Ao lado dos Caminhos Velho e Novo, a Picada de Goiás, autorizada por Gomes Freire de Andrade em 08-05-1736, foi realizada por civis com recursos próprios, um marco na interiorização do desenvolvimento da Capitania, mormente dos chamados “sertões”⁽³⁾. Por ela transitavam aventureiros e pessoas empreendedoras interessadas em explorar e colonizar a terra; o transporte de gado vacum e cavalar; surgiram melhores condições para a fiscalização de mercadorias em trânsito, em especial o ouro. Eram condições difíceis e árduas para os viajantes, todos submetidos a passagem pelos registros, onde recolhiam os impostos devidos e ainda à revista de todas as bagagens e pertences⁽⁴⁾. A única forma de policiamento era de natureza fisco-tributária; a justiça, quando havia, era de péssima qualidade, movida a extorsões, arruinando famílias e heranças inteiras – é o que afirma José Pedro Xavier da Veiga (op. cit) O símbolo principal da presença do colonizador português era o pelourinho, instalados na praça principal de cada vila ou povoação, onde os criminosos eram executados em deprimentes espetáculos públicos.

Uma das passagens era a do Rio das Mortes, em nossa região, administrada pelo taubateano Tomé Porges, onde viajantes recolhiam pedágios, se abasteciam e pernoitavam; a localidade alcançaria foro em 08-12-1713 com a criação da vila de São João Del-Rei, sede da comarca do Rio das Mortes (1714)⁽⁵⁾. Era a vila o ponto de confluência dos três caminhos – Velho, Novo e Picada de Goiás, de onde multidões de viandantes se bifurcavam por todo o território das minas. As construções existentes no entorno das estradas eram simples, por vezes paupérrimas.⁽⁶⁾ Todo o processo civilizatório foi intensamente influenciado pela religião com a edificação de ermidas, capelas e templos, titulados com nomes de santos e oragos de devoção cristã dos moradores da região das minas e com a presença de capelães e párocos. A igreja era, sem dúvida, a construção mais imponente, de onde o padre – pessoa culta e expressiva – influenciava a vida de toda a comunidade.





NOTAS

(1) *Dentre as muitas expedições enviadas aos Sertões, merece referência as chefiadas pelo mestre de campo Inácio Correa Pamplona (1731-1810), que se tornaria um verdadeiro suserano de grandes áreas do Centro Oeste e Triângulo Mineiro.*

Anteriormente, muitas expedições de bandeirantes tinham adentrado o território mineiro, atravessando nossa região, como as de André de Leão (1701), Fernão Dias (1674) Lourenço Castanho Taques (1675). Região palmilhada, igualmente, por inúmeros viajantes e cientistas como Saint-Hilaire, Johann Emanuel Pohl, Richard Burton, Von Eschwege, Cunha Matos etc.

Sobre Inácio Correa Pamplona e combates aos quilombos ver matérias em nossos boletins n^os XCIX - Dez/2015 e CXX - Set/2017.

(2) *“Era proibido sob penas terríveis abrirem-se estradas, porque elas, dificultando a fiscalização dos dragões, podiam favorecer o contrabando do ouro. Só dois caminhos haviam – o que vinha de São Paulo e Rio de Janeiro e se prolongava para as minas ao norte de Vila Rica e a que seguia daqui para as minas de Paracatu, estendendo-se até Goiás. Nos pontos extremos, quartéis: por toda a parte patrulhas, vigias, espiões” (José Pedro Xavier da Veiga – “Efemérides Mineiras 1664-1897” Fundação João Pinheiro, 1998, p. 109)*

(3) *Os principais construtores da Picada de Goiás, mencionados por historiadores, foram Caetano Rodrigues Álvares da Horta, Matias Barbosa da Silva, José Alvares de Mira, Maximiliano de Oliveira Leite, José Pires Monteiro, André Rodrigues Elvas, Francisco Rodrigues Gondim, que tiveram o direito de explorar as passagens e de receber sesmarias nas adjacências da estrada (Picada de Goiás)*

Outros beneficiários de sesmarias, em nossa região, foram comandantes de expedições militares que combateram quilombolas e atacaram o Quilombo do Ambrósio como o Cap. Manoel Riberio de Souza (ver matéria sobre as primeiras sesmarias no atual território de São Tiago e adjacências em nosso boletim n^o CXV - Abril/2017)

(4) *O viajante italiano André João Antonil aborda em sua obra “Cultura e Opulência do Brasil” (Itatiaia/Edusp, 3^a ed. 1982, p. 99) as dificuldades de locomoção, então, pelo interior mineiro e brasileiro. Toda sorte de problemas afetava os que adentravam as estradas e caminhos da época: climáticos com chuvas torrenciais, rios caudalosos e por vezes intransponíveis; topografia acidentada; a incúria dos próprios moradores e transeuntes que não se preocupavam em conservar a trafegabilidade das estradas e acessos aos seus próprios domínios, entregues à “própria natureza”; os ataques de indígenas e principalmente quilombolas que infestavam a região, em especial no Quilombo do Campo Grande, além de criminosos de toda laia, fugidos à justiça real e se homiziavam nos vastos sertões, ali buscando a impunidade para seus crimes.*

(5) *A Capitania de Minas Gerais dispunha em 1714 (ano em que foram criadas) de quatro comarcas: comarca do Rio das Velhas ou Sabará; Comarca do Rio das Mortes; Comarca do Serro Frio e Comarca de Vila Rica.*

(6) *Importante ressaltar que as localidades, ao longo da Picada de Goiás, desenvolviam vida comercial, ainda que de pequeno porte, em função dos tropeiros que por ali passavam, surgindo lojas, boticas, mercearias, pousadas, albergues bem como oficiais artesãos: marceneiros, alfaiates, ferreiros, sapateiros, cordoeiros, costureiras, tanoeiros etc. Das fazendas vinham o sortimento – cereais, queijos, açúcar mascavo, carnes, fumo etc - para o abastecimento das tropas e viajantes, dali conduzidos às cidades mineradoras, a localidades mais distantes e até a Corte, formando uma intrincada rede de serviços que atendia a fazendeiros, tropeiros e consumidores.*

OS VIAJANTES E OS CAMINHOS DA REGIÃO

• Raimundo da Cunha Matos refere-se aos trechos das estradas de nossa região, em específico no caminho entre Morro do Ferro e Oliveira como “maus, altos, escarpados morros, muita pedra e grandes barrancos” (Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás”, Belo Horizonte, Inst.Cultural Amilcar Martins, 2004, p. 40).

• Outros autores como Saint-Hilaire mencionam os ermos e a condição das pontes por onde passara. “Entre a fazenda das Vertentes do Jacaré e a vila de Oliveira, que está distante três léguas e meia, cortada de matas e campinas, apresenta vastas solidões; não encontrei ai um único viajante, não

avistei animais domésticos; vi apenas duas habitações, uma à margem do caminho e outra ao longe. Na véspera, subi muito; nesse dia, desci rapidamente de modo muito sensível. Pouco depois, atravessei por uma ponte de madeira péssima como o são todas as dessa região; o rio Jacaré que tem a sua nascente na fazenda em que passei a noite e a qual dá o seu nome (Fazenda das Vertentes do Jacaré). Subira para chegar à fonte desse rio; depois desci para me achar em suas margens. Imediatamente, antes de chegar à vila de Oliveira, segui um vale muito pitoresco, por onde se vê um arrabalde da vila com algumas pequenas casas” (Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiás” p. 135).

CAMINHO E LENDA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O Caminho de Santiago de Compostela, em termos religiosos e mesmo turísticos, é uma peregrinação, cujo propósito é chegar até a tumba atribuída ao apóstolo São Tiago Maior, que fica situada na cripta da Catedral de Santiago, na cidade de Compostela, região da Galícia, Espanha. O Caminho de Santiago de Compostela é a rota de peregrinação mais antiga da Europa, desde o século IX e seguramente a mais procurada e celebrada até os dias de hoje. É um caminho cheio de manifestações culturais, religiosas, humanitárias e esotéricas, uma autêntica expressão da arte e da cultura que transmite espiritualidade e fé a todos que o percorrem. São séculos e mais séculos de história, arte, religião, misticismo, espiritualidade, fé. São camadas e mais camadas que se sobrepõem formando um complexo mecanismo de desenvolvimento humano e espiritual.

Afinal, quem foi São Tiago? Quem foi esse homem, cuja vida inspirou homens e mulheres a percorrer, desde tempos imemoriais, centenas e centenas de quilômetros, atraindo, até os dias atuais, peregrinos do mundo inteiro?!

São Tiago, o Maior - Um dos apóstolos mais próximos a Jesus, juntamente com Pedro, André e João, São Tiago é conhecido como Tiago, o Maior, para diferenciá-lo de outro Tiago, natural de Nazaré, que era chamado, o menor. São Tiago nasceu em Betsaida, na Galiléia, por volta do ano 5 d.C., filho de Zebedeu e de Salomé; fazia parte de um grupo de pescadores, formado por seu pai, seu irmão João e também Pedro.

É citado no Novo Testamento várias vezes. Ele esteve com Jesus em momentos chave de sua vida como na agonia no Horto de Getsemani, sua prisão e morte. Presenciou a sua aparição quando ressuscitou e ainda a transfiguração no monte Tabor. Após a ascensão de Jesus, os discípulos iniciaram o trabalho de evangelização, tendo Tiago, segundo a tradição, ido evangelizar a região onde é hoje a Espanha, segundo se diz, enviado por Pedro. Todo o trabalho de evangelização ali ocorrido, faz parte da tradição e da cultura, de base medieval, por vezes envoltas em mistério, magia, histórias, lendas.

A Lenda Áurea (A Lenda de São Tiago) - Dirigindo-se a Espanha, o apóstolo Tiago desembarcou nas costas mediterrâneas da Andaluzia, avançando pelas terras da antiga Tartessos (a Thársis das antigas escrituras), evangelizando aqui e ali, tomando a estrada romana que levava à Galícia, chegando em Iria Flavia. Pregou intensamente nessa região e nos arredores de Farum Brigantium, onde teria recebido a visita da Virgem Maria, ali chegada em uma barca milagrosamente guiada por anjos (a barca transformada em pedra por Nossa Senhora se conserva no povoado aos pés da igreja) A Virgem consolou o desanimado apóstolo e o animou em sua difícil tarefa. São Tiago perseverou por ali durante sete anos, não obtendo frutos, dirigindo-se à região de Lucus Augusti e às cidades celtas do interior, seguido unicamente por um cão, com o qual fizera amizade e que era mais sensível às suas palavras que os romanos, os celtas, os iberos e demais habitantes do País.

Passou pelas regiões de Numância e Clúnia, chegando finalmente a César Augusta, abatido por encontrar, naquele país, pessoas de coração tão duro. Senta-se às margens do rio Ebro e ali mesmo lhe aparece, pela segunda vez, a Virgem Maria, que ainda vivia em Jerusalém, com cerca de 55 anos. Era o ano 40 de nossa era. A Mãe de Jesus aconselhou ao desanimado evangelizador que pregasse ainda por mais algum tempo, pois mesmo que tardasse, a semente de fé por ele lançada, finalmente produziria seu fruto. Pediu-lhe ainda a Virgem que naquele lugar fosse erguido um templo em sua honra.

Pregando nas redondezas de Cesar Augusta, conseguiu reunir um grupo de discípulos, - sete ou nove, segundo os textos - e com a ajuda dos mesmos, conseguiu erguer pequena capela sobre o local onde lhe apareceu a Virgem Maria, encerrando em seu interior, o pilar (pedra) sobre o qual esteve a Mãe de Jesus. O apóstolo esteve ainda em vários outros lugares, depositando na Virgem toda a sua confiança e fé, conseguindo alguns outros discípulos. Finalmente, após tanta luta, o apóstolo retorna a Jerusalém, a fim de se aconselhar com seus irmãos de fé.



Chegando a Jerusalém, Tiago se dá conta de que dois magos famosos - Hermógenes e seu discípulo Fileto - aliados a seres malignos, haviam seduzidos a população com seus encantamentos. O apóstolo consegue, com seus milagres, sobrepor-se as artimanhas dos magos, os quais, vencidos, reconhecem o poder superior do apóstolo, convertendo-se em seus discípulos e passando a pregar a palavra de Deus. Para protegê-los das vinganças dos antigos aliados demoníacos, Tiago entrega a Hermógenes seu bastão. Tais fatos, porém, atraíram a indignação de Abiathar, sumo sacerdote judeu, que, instigou a multidão contra Tiago, sendo este preso, levado até Herodes Agripa e condenado à morte. No trajeto para o suplício, um paralítico roga a Tiago que o cure, o que ocorre, após o apóstolo dizer-lhe "Em nome de Jesus Cristo, por cuja fé sou levado ao suplício, levanta-te e bendiz ao Senhor" Vendo tal milagre, Josias, o fariseu, um dos levava Tiago atado se converte e é batizado por Tiago em uma fonte do caminho, sendo ambos decapitados sem mais demora. Era o ano 44 da era cristã.

Os judeus lançaram os cadáveres dos mártires nos campos próximos para que fossem devorados pelos cães e feras selvagens, mas dois de seus discípulos, Atanásio e Teodoro, amparados pelas sombras da noite, recuperam a cabeça e o corpo do santo e fogem para o mar. Ali lhes aparece uma embarcação sem tripulantes, mas apta para navegar; subindo a bordo, os discípulos e sua veneranda carga se entregam à Providência e o barco, governado por anjos invisíveis, toma o rumo oeste, o caminho que tomam as almas ao Mais Adiante, transpõem as Colunas de Hércules, adentram o Oceano Tenebroso e ao cabo de sete dias, a milagrosa embarcação chega às costas da Galícia, penetra no rio Noela e se detém junto à Iria Flávia.

Estando a barca milagrosa próxima a costa, aconteceu que celebravam ali um casamento entre as pessoas de Gaia e as de Maya, havendo um torneio de lanças entre cavaleiros; então, um dos cavaleiros caiu acidentalmente ao mar junto com seu cavalo. O infeliz cavaleiro desapareceu sob as águas, mas diante do assombro

de todos reapareceu junto à barca, ileso, o corpo completamente coberto de conchas de vieira, recebendo ele as bênçãos dos discípulos do apóstolo e retornando, são e salvo, à terra, com o milagre das conchas envolvendo seu corpo e seu cavalo. Em recordação desse primeiro milagre do santo, todos os peregrinos jacobeos passaram a levar, desde então, conchas de vieira em suas vestimentas.

Aproximando-se a uma ribeira, os discípulos saem em terra, amarrando a barca a uma grande pedra entalhada (pedrón) que era um altar pagão (ara solis). Passado o tempo, aquele povoado passou a ser conhecido como “Padrón”. Desembarcam ali o corpo do santo, depositando-o sobre uma pedra, a qual fundiu e se derreteu como se fosse cera ao contato do peso do cadáver, formando uma cavidade como um sarcófago, decidindo os discípulos deixarem o corpo santo ali até encontrarem um lugar adequado e definitivo para a sepultura.

Atanásio e Teodoro descobrem que aquelas terras pertencem a uma poderosa rainha local, de nome Lupa (Loba) e se dirigiram ao seu palácio, interpellando-a, dessa maneira; - “O Senhor Jesus Cristo te envia o corpo de seu discípulo Jacobo, a fim de que recebas morto aquele que não pudeste receber vivo” Narram, então, à rainha a milagrosa viagem com todas as suas incidências, a maravilha da pedra derretida, solicitando-lhe que lhes fosse concedido um pedaço de terra onde pudessem dignamente sepultar o corpo do santo. A rainha, ansiosa para livrar-se daqueles visitantes inoportunos, com medo, porém, do poder que poderiam ter, encaminha-os para Régulo, sumo sacerdote del Ara Solis, que viva nas proximidades de Duyo.

Enquanto os jovens apóstolos se dirigem ao lugar indicado, a rainha ordena aos seus soldados que se apoderem do corpo de Jacobo (Tiago) e o levem até o seu palácio. Quando os soldados se aproximaram do milagroso sarcófago, junto ao mar, presenciaram um inenarrável prodígio: o corpo do apóstolo se elevou pelos ares, movendo-se na direção leste. Eles o seguem à distância e vêem que ele, após atravessar o porto montanhoso de La Oca, se detém sobre o Pico Sacro. Não se atrevendo a desobedecer as ordens da rainha, tomam uma resolução: enquanto uns ficam vigiando o corpo santo, que havia descido ao chão, outros marcham em direção ao palácio para prestar contas da situação.

Nesse interim, Atanásio e Teodoro chegam à presença de Régulo, sumo sacerdote que detesta cristãos, mandando prender os surpresos discípulos jacobeos. Pela noite, luzinhas, emitidas por anjos, aparecem no interior da cela, projetando uma porta invisível, por onde os jovens atravessam os grossos muros da prisão, dali escapando em meio às sombras. Sabendo Régulo da fuga, envia soldados em perseguição, e todos eles, quando estavam a ponto de alcançar os fugitivos, perecem ao atravessar o rio Tamara (Tambre). Os discípulos se dirigem novamente ao palácio da rainha Lupa e pedem-lhe ajuda pela segunda vez: - “Deus está conosco, melhor será se nos ajudar. Somente queremos que nos libere um carro e uma junta de bois”

A rainha não abandonara, contudo, a sua ideia de livrar-se daqueles inoportunos, tramando sinistro plano. Envia-os ao monte Ilianus,

dizendo que ali pastavam os bois reais e que podiam escolher os que precisavam. Chegando ao monte, os jovens são atacados por um dragão, que respirava fogo e cujo hálito pestilento assolava toda a região; a um sinal da cruz, porém, a besta explodiu, dissipando-se em fumaça. Encontrando os animais que procuravam, deram-se conta de que eram touros selvagens que se arremeteram contra os jovens, mas, tal qual antes, a um sinal da cruz, as feras tornaram-se mansas como cordeiros. Os discípulos escolheram dois deles, atrelaram-nos a um carro, seguindo para o palácio real.

A rainha, vendo-se vencida, considerou não ser conveniente insistir em enfrentar aqueles homens e sua vigorosa fé, e que melhor seria colocar-se ao lado deles. Fez-se batizar, oferecendo seu palácio para mausoléu do santo. Atanásio e Teodoro agradeceram seu oferecimento, dizendo-lhe que a vontade divina é quem decidiria o local para a última morada do apóstolo. Encaminharam-se até o Pico Sacro, colocaram o corpo santo no carro e deixaram que os touros guiassem espontaneamente o veículo. Os animais se moveram livremente, detendo-se em um campo, denominado “Arcis marmoricis” de propriedade da rainha, que o presenteou de boa vontade para ali ser edificado o mausoléu do apóstolo Jacobo. Esse campo, posteriormente conhecido como “Campo das Estrelas” (Campus Stellae) daria origem à cidade medieval de Santiago de Compostela.

Com o correr do tempo, com as invasões bárbaras e árabes, o local da sepultura ficou esquecido durante vários séculos. No ano de 813, um santo eremita de nome Pelágio vivia nas cercanias de Amea, pertencente à diocese de Iria Flávia, havendo ali uma igreja dedicada a San Fiz de Solovio, erguida sobre um antigo templo celta. Por várias noites consecutivas, o ermitão Pelágio viu umas luzes sobrenaturais como se fossem uma chuva de estrelas sobre o campo próximo ao seu eremitério, luzes dançantes também observadas por fiéis e vizinhos de San Fiz. Nessa época, o bispo de Iria Flávia era Teodomiro, homem justo e penitente, que foi pessoalmente até Amea para comprovar o que se contava. Visto o prodigioso fato, ditou um jejum de três dias e após, em procissão, se dirigiu até Campus Stellae, mandando escavar o local. Ali foi encontrado um pequeno mausoléu de mármore contendo um sepulcro e em seu interior um corpo que, por vários vestígios e amostras, foi identificado como sendo do Apóstolo Jacobo (São Tiago)

Teodomiro comunicou o achado ao rei de Astúrias, Alfonso II, o Casto, que, por sua vez, comunicou ao Papa Leão III e ao imperador Carlos Magno. O próprio rei Alfonso peregrinou até ao sepulcro jacobeo, mandando fundar ali três igrejas, uma dedicada a São João Batista, outra em honra a São Tiago e a terceira dedicada ao Salvador, São Pedro e São João Evangelista; nesta última, instalou-se uma comunidade de monges beneditinos com a finalidade de custodiar a tumba e manter o culto ao Apóstolo. Desde então e até os dias atuais, nessa fronteira imprecisa entre a história e a lenda, apareceram os peregrinos, vindos de longe e de todas as partes do mundo.

(Fonte “Caminho de Santiago – A Lenda de Santiago de Compostela” - José Francisco Matulja – <http://viajelivre.com.br/2018/07/26/caminho-de-santiago-a-lenda-santiago-de-compostela>)



SÃO TIAGO

Os moradores do Rio do Peixe e Jacaré receberam a autorização eclesiástica para levantar capela na serra do Bituruna, em junho de 1761.

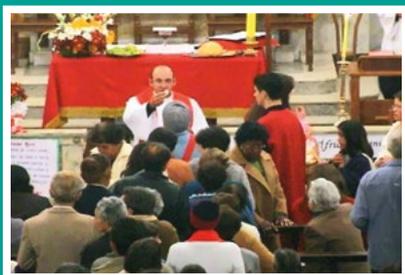


Altar, fiéis e celebrantes

Festa de São Tiago e Sant'Ana



Chegada da procissão andor e membros da irmandade



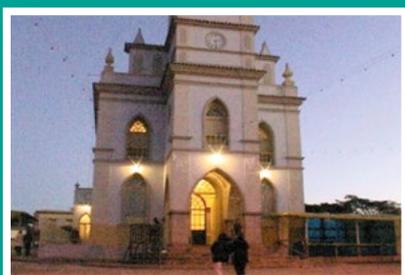
Comunhão



Crianças vestidas de São Tiago



Crianças vestindo opa na procissão



Fachada Igreja



Fiéis cantando na missa



Sacerdotes no altar



Altar



Momento de saudação



Sacerdote fazendo o sermão à chegada da procissão



Sacerdote incensa andor



Sermão e fiéis no adro da igreja



Sineiros

Região das Vertentes celebra Corpus Christi

FOTOS: MARCUS SANTIAGO E VIVIANE BASÍLIO

No Brasil, como em todo o mundo, a Igreja Católica celebrou, no último feriado (19), a solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Jesus Cristo – Corpus Christi –, comemorado pelos cristãos com muita reverência.

Nas cidades que realizam procissões, as ruas são ornamentadas com belos tapetes artesanais, feitos com flores, serragem, tintas e outros materiais. A primeira celebração em São Tiago foi no ano de 1943, quando o vigário coadjutor Padre Elpídio Rosa de Freitas organizou os preparativos para as festividades e pediu aos paroquianos que enfeitassem a frente de suas casas, no antigo Largo da Matriz, por onde a procissão iria passar. Com grande brilhantismo, a festa foi realizada.

Padre Robson Cardoso fala da importância desta solenidade para a vida da Igreja e dos cristãos. “Hoje nós celebramos Corpus Christi, que é uma das celebrações mais importantes da Igreja, porque celebramos aquele que é a fonte de toda a vida da Igreja, que é Jesus Cristo, presente nas espécies do pão e do vinho, presença real na Eucaristia”.

Vera Reis, catequista e membro de movimentos e pastorais da paróquia, comenta a relevância da festa, da Eucaristia na Igreja e da presença de Jesus Eucarístico para os cristãos. “Hoje é um dia



muito significativo para a nossa Igreja, dia do Corpo de Deus, de Cristo. Esta festa é sublime! Na Igreja, existem outras celebrações também muito importantes, como a Páscoa e o Natal, e todas elas têm Jesus como centro”.

Em São Tiago foram realizadas duas celebrações, uma na parte da manhã e outra à noite, com a procissão no centro da cidade.

CORPUS CHRISTI EM BARROSO

Desde cedo, os fiéis das Paróquias de Sant’Ana e Nossa Senhora do Rosário de Fátima se mobilizaram na ornamentação das ruas para a passagem de Jesus Sacramentado, sendo que cada paróquia realizou sua procissão de forma independente.

Mesmo o tempo chuvoso não foi capaz de desanimar os devotos, que às 16 horas saíram pela cidade nas procissões de suas respectivas paróquias. Segundo Elizanda Meireles, Ministra da Eucaristia, este é um momento em que todos se unem para louvar, adorar, bendizer e agradecer em especial à vida e todas as bênçãos concedidas por Deus.

Professora e vereadora, Marli Torres afirma gostar muito de ver a cidade enfeitada e de assistir às apresentações da Banda Municipal. Quem também compartilha desse pensamento é a jovem Naiady Herculano, que admira a beleza desta tradição que consegue reunir amigos, família e vizinhos com o objetivo de louvar ao Senhor.

Ao anoitecer, a festividade foi finalizada com a celebração da Santa Missa, em que os presentes foram tomados pela emoção e reafirmados na fé.

Texto: VAN/Marcus Santiago (São Tiago) e Viviane Basílio (Barroso)



SÃO ROQUE O SANTO PROTETOR CONTRA CALAMIDADES E EPIDEMIAS

Santo de larga devoção popular em várias regiões, São Roque é invocado, há séculos, quando da ocorrência de calamidades, flagelos coletivos e epidemias. É também o santo dedicado aos desprotegidos, rejeitados e aos angustiados pelas enfermidades. Há referências a novenas, vésperas e celebrações em honra ao santo, que viveu no século XIV, sendo ainda conhecida a liturgia composta por introito, oração, epístola e evangelho acompanhada de cânticos. Em 1734 foi impressa em Lisboa por José Antonio da Silva uma “Novena ao glorioso São Roque”, advogado contra a peste ou qualquer outro mal epidêmico ou contagioso, incluindo bexigas (variola) Esta novena – sempre muito difundida em Portugal e Brasil – especialmente quando da epidemia de cólera-mórbus (1832) e da “gripe espanhola” (1918).

[HTTPS://MISYJNE.PL/DIVULGAÇÃO](https://misj.ne.pl/divulgacao)

Quem foi São Roque- São Roque de Montpellier, ou simplesmente São Roque, que viveu entre 1295-1350 (segundo outros autores entre 1350-1390) é o santo da Igreja Católica padroeiro dos inválidos, protetor contra a peste. Para os camponeses, o também protetor do rebanho contra as pestes e doenças contagiosas. Sua festa é celebrada a 16 de agosto. Pouco se sabe sobre a sua vida. Nascido em Montpellier, França e ai falecido (segundo outras fontes, teria falecido na Lombardia)

Filho de um rico comerciante de nome João e sua mãe chamada Libéria, ficando órfão de ambos muito cedo, tendo sido criado por um tio. Estudou medicina na famosa universidade de Montpellier, não concluindo os estudos. Aproximadamente aos 20 anos, distribuiu seus bens aos pobres e desafortunados, dirigindo-se em peregrinação a Roma, no período entre 1368 a 1371, segundo alguns biógrafos. No caminho, socorria os doentes, em especial os vitimados por pestes., operando curas prodigiosas, ajudando e cuidando os enfermos com o auxílio do bisturi e do sinal da cruz. Passaria por várias cidades e aldeias como Acquapendente, Cesena, Mântua, Modena, Pádua, Piacenza etc, Acabando por ser contagiado pela peste, isolou-se numa floresta próxima à cidade de Piacenza, onde, segundo a tradição, um cão lhe levava diariamente alimento (pão) e uma fonte de água aflorara do solo, saciando-lhe a sede. Miraculosamente curado, São Roque retornou a Montpellier, sendo, porém, preso como espião e disseminador de pestes, trancafiado por cinco anos no cárcere, provavelmente ai falecendo.

Sua fama de santidade espalhar-se-ia rapidamente por regiões da França e Itália, sendo-lhe atribuídos inúmeros milagres e invocado, desde então, em casos de epidemias e popularizando-se santo protetor contra pestilências de qualquer natureza. Canonizado pelo Papa Gregório XIV em 1591. Suas relíquias foram transportadas para Veneza em 1485, cidade que lhe dedica uma festa anual. São Roque é representado iconograficamente em trajes de peregrino, portando um bordão, os joelhos desnudos (onde se exhibe a ferida ou bubão da peste), acompanhado de um cão, trazendo na boca um pão.

No sincretismo das religiões afrobrasileiras, São Roque é o orixá Omulú; identificado ainda com a carta ou lâmina do “louco” no tarô de Marselha.



CÓPIA DE ORAÇÃO DE SÃO ROQUE DO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Nossos avós em inícios do século passado – tais quais nós hoje com a Covid-19 - passaram pela dolorosa experiência da epidemia “Gripe Espanhola” (1918-1919) que vitimou milhões de pessoas em todo o mundo (de 50 a 100 milhões, segundo os estudiosos), inclusive com muitas mortes em nossa região. Contavam nossos antepassados com reduzido apoio médico à época; porém com muita fé, especialmente as novenas e orações, sobressaindo as dirigidas a São Roque, protetor contra catástrofes e pestilências. Fomos contemplados com uma cópia centenária da “Oração de São Roque” localizada pelo sr. Jessé Campos nos arquivos da família Campos, a quem muito agradecemos pela cortesia, Oração com Imprimatur da Arquidiocese de Mariana, datado de 06 de março de 1896 pelo bispo D. Antonio Maria Correia de Sá e Benevides, 8º bispo de Mariana entre 1877-1896.

Sobre a “Gripe Espanhola” em São Tiago e região, ver matérias em nosso boletim nº X - julho/2008, CXXXIII - out./2018 e CXXXIV - nov./2018

A Estrela do Céu - Contra a Peste

A Estrela do Céu (Maria Santíssima) que a seus peitos criou ao Senhor: extinguiu a mortal peste que no mundo introduziu o primeiro pai dos humanos. Digne-se agora a mesma estrela reprimir os influxos dos astros que por suas disposições malignas ferem o povo com pestíferas epidemias. Gloriosa estrela do mar, de súbitos louvores digníssima, da peste nos defendei, contra enganos do mundo nos protegei. Medicina cristã, aos seus conservai, aos enfermos sarai; o que a humana força não pode, vossa graça no-lo conceda. Amen. (Diga-se três vezes o seguinte:) Ouvi-nos, ó Maria, porque Vosso Filho vos honra em nada vos negar. Salvai-nos ó Messias, que por nós vos pedeta Santa Virgem Maria. V. - Em toda das as nossas tribulações e angustias. R. - Socorrei-nos, ó puríssima Virgem Maria.

OREMUS - Ó Deus de misericórdia, Deus de piedade e Deus de indulgência, que compadecendo-vos da aflicção de vosso povo, dissestes ao anjo que faria: Suspende a tua mão. Por amor d'aquela estrela gloriosa (vossa Mãe puríssima) de cujos preciosos peitos cebeistes o precioso licor, milagroso contra veneno dos nossos delictos: concedei-nos o auxílio da vossa graça para que sejamos com certeza livres e misericordiosamente preservados de toda peste e imprevista morte e de todo o perigo de condenação eterna. Por vos Jesus Christo, Rei da Gloria, que viveis e reinais por todos os séculos. Amen.

ORAÇÃO DE S. ROQUE - Poderosíssimo Senhor dos Céus e terra, em cujas mãos está a morte e a vida, a enfermidade e o remédio. Vós Senhor, que para os homens, lograrem a conservação da vida, e sararem das suas doenças, não só depositastes tantas virtudes nas plantas e arvores, se não que constituistes a tantos e tão divinos Santos especiais advogados contra tantos achaques a quantos vivem sujeito os homens e com singularidade concedestes ao bemaventurado S. ROQUE a prerrogativa de ser protetor e advogado contra todo o genero de peste, contagio e epidemia, virtude que o mesmo Santo vos pediu estando para morrer ferido do mesmo mal, e Vós lhe concedestes, como se reconheceu na cédula que se achou junto ao seu Santo cadaver, que dizia: «Os que forem feridos da peste, e implorarem o favor de ROQUE, alcançarão saúde». Eu vos peço c rogo com toda a humildade, que atendendo a promessa que fizeste de que orações faltaria aos Céus e terra que a vossa S. R. a palavra.

Eu vos peço Senhor, por aquella, com que assegurastes ao bemaventurado S. ROQUE, em premio da grande caridade, com que assistio aos apestados, em quanto vivo, livres a mim e a todos os seus devotos dos males na alma e no corpo. Amen.

Aprovação - dou licença para se imprimir esta Oração.
Mariana, 6 de Março de 1896. - ANTONIO, Bispo de Mariana

(Oração contra peste - 1896 - original - Sr. Jessé Campos)

EM TEMPOS DE PANDEMIA E PERSPECTIVAS DO PÓS-PANDEMIA

Ao longo da história ouvimos falar de pestes, pragas, pandemias e epidemias que de alguma forma trouxeram grandes prejuízos para a humanidade, causando muito sofrimento e mortes dos seres vivos. A narrativa bíblica fala de dez pragas que o Egito sofreu a fim de que o faraó libertasse o povo hebreu, que estava sendo escravizado. Porém o faraó foi irredutível, e sofreu com as consequências dessa dureza em aceitar um pedido de Deus. Com isso foram dizimadas pessoas, animais, plantações. O sofrimento veio para os seus parentes e para pessoas que trabalhavam para ele. Na décima praga, o faraó resolveu aceitar as condições divinas para libertar o povo, mas se rebelou e preferiu perseguir pelo deserto os hebreus que estavam a caminho da terra de Canã.

Passando o episódio das pragas do Egito, os seres humanos em algum momento da história, em sua fragilidade vivenciaram, em diferentes épocas da vida, surtos de doenças contagiosas, pandemias, epidemias. Num período as doenças e vírus, ficavam somente em algum lugar do mundo, por exemplo, num país, numa região. De todas as pandemias que a humanidade passou algumas chegaram próximas à realidade do novo coronavírus que tem ceifado várias vidas por todo o planeta, em quase o mesmo tempo.

O mundo já viveu inúmeras pandemias mortais, sendo enfermidades disseminadas para um país inteiro ou por todo o globo terrestre, sendo desde a Peste Antonina até a realidade atual do novo Coronavírus. Muitas marcaram a história e seus efeitos impactantes: Peste Antonina (165-180), Praga de Justiniano (541-542), Epidemia de Variola Japonesa (735-737), Peste Negra ou Peste Bubônica (1347-1351), Variola (1520), Grandes Pestes do Século XVII (1600), Grandes Pestes do Século XVIII (1700), Cólera (817-1923), Terceira Peste (1855), Gripe Russa (1889-1890), Febre Amarela (final de 1800), Gripe Espanhola (1918-1919), Gripe Asiática (1957-1958), Gripe de Hong Kong (1968-1971), HIV/AIDS (1981 aos dias atuais), SARS-Síndrome Respiratória Aguda Severa (2002-2003), Gripe Suína-H1N1 (2009-2010), MERS-Síndrome Respiratória do Oriente Médio (2012), Ebola (2014-2016), COVID-19 (2019 aos dias atuais).

Fazendo um recorte nas pandemias de que nossa comunidade foi acometida, é a Gripe Espanhola (1918-1919). Em São Tiago tiveram grandes perdas, somando a todas que ocasionou em torno de 40 a 50 milhões de mortes no mundo. Essa pandemia é considerada a terceira mais letal da história. Sua origem se deu em meio a primeira Guerra Mundial. Mesmo com o nome de Gripe Espanhola, não surgiu na Espanha, há informações que prováveis que tenha surgido na China, Reino Unido ou nos Estados Unidos. O fato da classificação se deveu ao país europeu ter sido o primeiro a noticiar a doença; como não estava em guerras, a imprensa se tornou livre para informar sobre a pandemia.

No Brasil, a Gripe Espanhola começou a circular no país em setembro de 1918. São Tiago era um distrito pequeno, de vida bucólica e mesmo assim não ficou ileso de passar por essa grave pandemia. Não havia recursos nenhum, o mal assolava não somente o distrito, mas toda a redondeza. Muitos não sabiam como tratar as pessoas infectadas e adoecidas pela Gripe Espanhola. Os que faleciam nas roças eram trazidos de carros de bois ou em padiolas para enterrar no cemitério da freguesia de São Tiago. Quem transportava os corpos sentia muito medo de ser infectado. Foi um tempo desolador, cada um tentando vencer uma doença sem remédio, sem recursos, sem saber o que era ao certo.

Em São Tiago, duas mulheres lutando para ajudar pessoas que podiam, com poucos recursos para amenizar a dor, o sofrimento, a febre alta – MARIA DOS ANJOS DE MELO (DOS ANJOS) e MARIA JOSÉ DOS REIS (NHANHÁ GABET). Onde essas duas mulheres conseguiam forças para ajudar a tantos? Pessoas que não foram contagiadas ficavam confinadas em casa, mas haviam outras simples, moribundas, que não tinham ninguém por elas ou que a família estava contaminada. As duas senhoras conseguiram fazer um tipo de enfermaria onde hoje é a sede da Polícia Civil em São Tiago, a caminho da Pavuna, para cuidar dos doentes. Não existia hospital e nem ambulatório no distrito, assim elas resolveram fazer dali uma casa de saúde para acolher os enfermos. Dona Nanhá Gabet, mulher forte, virtuosa estava firme para socorrer, ajudar e cuidar. Havia apenas dois anos do falecimento de toda a sua família, não se sabia onde ela tirava tanta força e abnegação para ajudar a comunidade em outra triste página da nossa história. Isso sem contar que dali onde cuidava dos doentes tinha visão de sua ex-casa onde viu seus filhos nascerem e morrerem. Do outro lado, a incansável colaboradora e muito querida pela comunidade, a “Dos Anjos”. Também conhecida como “Anjo do povo são-tiaguense”. Mulher de traços finos, dócil e de um coração sem igual. Sabia compreender a todos em suas necessidades. Era realmente uma pessoa muito amável e querida, talvez seja por isso, o seu apelido carinhoso.

Dos Anjos e dona Nanhá assumiram então a missão especial de tomar frente para cuidar de pessoas desvalidas, desamparadas, aflitas sem saber o que fazer. Trabalhavam incessantemente com o que tinham, contando com ajuda de pessoas abnegadas da comunidade e, sobretudo, com a graça de Deus. Alguns dos acolhidos acabavam falecendo, mas quem tinha condições de se curar elas não desistiam. Faziam chás, remédios caseiros e outros preparos. Como eram muito católicas fervorosas, entregavam todos os doentes nas mãos de Deus. Depois de muita luta à frente desse apostolado cuidando dos doentes, Dos Anjos acabou também adoecendo e faleceu um dia após o natal de 1918. A comunidade ficou muito consternada com a grande perda. A amiga dona Nanhá ficou firme contando com outras pessoas para ajudá-la até o passamento da pandemia. Ainda viveu muitos anos e continuou fazendo caridade por onde passou, vindo a falecer em 1960.

E hoje? O que é a COVID-19? O site governa-



mental da Saúde explica que “é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves”. A Covid-19 possui uma transmissibilidade maior que SARS e MERS. E ela não escolhe a quem contaminar, todos estão sujeitos desde o pobre, o rico, o bom e o mal. Quem tiver baixa resistência e não se cuidar poderá correr o risco de contrair a doença.

O surto do coronavírus acabou fazendo que houvesse uma grande mudança no estilo de vida de milhões de pessoas pelo mundo, sobretudo, nesses dias de isolamento social. Mudou-se a rotina da vida diária, do trabalho, da vida social, dos hábitos. Esse tempo é um convite para se pensar e refletir as mudanças pelas quais todos estão passando e das futuras realidades que farão parte da vida de todos nos próximos dias e meses, quando tudo começar a voltar ao “normal”. Todos já devem estar pensando como será o mundo pós-pandemia. Independente de como for, os novos tempos exigirão que compreendamos o mundo de outra maneira, até porque não será como antes.

Sabe-se que a tecnologia e a internet, se bem usadas trazem grandes benefícios para a humanidade. A vida no período da pandemia acelerou a compreensão, para observar que boa parte dos recursos que já tínhamos na sociedade, era uma forma de procurarmos adaptar às necessidades atuais se servindo deles. Muitos, a partir de agora, ganharão força e se consolidarão como mais úteis do que já eram. Hoje é possível observar que alguns serviços podem ser feitos em casa, o conhecido “trabalho remoto” ou “teletrabalho”, para que as atividades administrativas das empresas continuem sendo feitas. Embora já existam dispositivos legais que regulamentam o home office (escritório em casa) agora não é uma alternativa, mas uma necessidade.

As famosas lives transmitidas ao vivo pelo Instagram, Facebook e outros aplicativos, tornaram-se algo usual para realização de reuniões, shows, transmissões de missas, cultos e principalmente uma forma de comunicação com quem está isolado e não pode receber visitas nesses tempos. Canais de TV e de rádios, possibilitando por meio da tecnologia, que programas ao vivo sejam transmitidos da casa dos apresentadores com conexão à central de transmissão.

A educação a distância (Ead) muito comum nos dias atuais, para atender a públicos específicos que não têm condições de estarem todos os dias em uma sala de aula, foi adaptada como “estudo remoto” para alunos que cursam o ensino presencial em seus vários níveis, para a continuação do seu percurso de ensino-aprendizagem. Atualmente a Ead tem ganhado destaque e notoriedade, atendendo a públicos diversos com plataforma didática e com conteúdos atualizados, vídeo-aulas, interação com colegas e professores em tempo real de modo virtual.

Os aplicativos ganham mais força para movimentação financeira na rede bancária, pedidos de produtos, lojas de roupas, lanches e comidas por meio do método “delivery” (ato de entregar). E para que não estiver em casa, mas no carro próximo a restaurantes e lojas, podem fazer pedidos e adquirir produtos por meio do “drive thru” (através do carro).



Houve mudanças significativas na postura e gestos de solidariedade na vida daqueles que enfrentam os impactos do novo coronavírus. Há pessoas que nessa época se encontram desempregadas e mesmo assim sendo obrigadas a ficar dentro de casa, mas temos visto em nossas comunidades e nos noticiários, pessoas sendo solidárias, amigas e compartilhando alimentos, roupas em pontos de redes do bem e, ainda conseguindo ajudas de outros e de empresas, para que ninguém fique passando necessidades. O Governo dando auxílio a grupos como MEI - microempreendedores individuais, autônomos, informais, desempregados, inseridos do Cadastro Único e outros segmentos. O INSS atendendo pelos canais virtuais (on-line), concedendo benefícios aos incapacitados, revisando outros pedidos, adiantando o 13º de aposentados e viabilizando outros serviços que dependem do Instituto.

A baixa no consumismo, no lucro do querer sempre mais e ostentar. Com a falta do dinheiro não dá para consumir sem necessidade, é preciso viver moderadamente procurando ter uma vida equilibrada, apenas com o necessário.

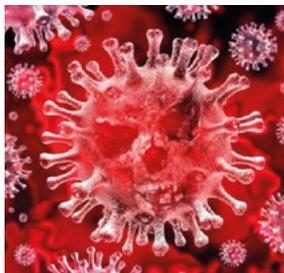
O despertar para o apego a alguma crença ou filosofia de vida, o religar-se ao transcendente, sobretudo, nesses momentos de pandemia.

Psicólogos atendendo pelas redes sociais. Profissionais de Educação Física criando atividades alternativas para seus alunos treinarem em casa, com a supervisão por meio de vídeo-aulas e das lives.

As transformações ocorrerão em vários segmentos como nas relações sociais, negócios, política, economia, educação, cultura etc. Outros segmentos onde existe a necessidade das pessoas conviverem com públicos diversos como no lazer, entretenimento e na gastronomia, certamente haverá mudanças que não se sabe quando serão retomadas, mas oportunamente serão repensadas para atender a todos, sem que haja aglomeração e sejam seguidos os protocolos das organizações da saúde. Os cenários serão todos remodelados, redesenhados, reinventados para que quem vive desses segmentos continue o seu trabalho.

Tudo está sendo uma questão de adaptação, aprendizado e mudanças de hábito. Todos fazendo a sua parte, seguindo as orientações governamentais da saúde, iremos vencer mais essa pandemia e sairemos mais fortalecidos. Será um momento de alegria e comemoração pelo dom da vida em todo planeta.

Marcus Santiago
Membro do IHGST





Município de São Tiago: 71 anos de emancipação

São Tiago está situado na região Campo das Vertentes. Emancipou-se político-administrativamente no dia 28 de dezembro de 1948. Foi instalado em 1º janeiro de 1949. Fica próximo a BR 494 e distante da rodovia Fernão Dias (381) a 45 Km. E a 200 km da Capital mineira. Faz parte do Circuito da Estrada Real e Trilha dos Inconfidentes.

São Tiago é conhecida como “Terra do Café com Biscoito” pela grande produção biscoitos e pela hospitalidade que trás desde a sua fundação no servir as deliciosas quitandas e acolher a todos. Pertence ao município, o distrito de Mercês de Água Limpa, carinhosamente conhecido por “Capelinha”. O distrito fica a 36 km da sede. São povoados de São Tiago: São Pedro da Carapuça, Jacaré, Içara, Córrego Fundo, Tatu, Patrimônio, Melos, Fundo da Mata, Florinda, Capão das Flores, Chapada, Cajengá, Germinal. O último censo do IBGE registrou aproximados 11.000 habitantes. O clima é tropical úmido.

O município e paróquia da sede tem por padroeiro principal São Tiago Maior e secundário Senhora Sant’Ana, celebrados respectivamente em julho nos dias 25 e 26.

O município dispõe de escolas de educação infantil, ensino especial, fundamental, médio e uma unidade de ensino superior com cursos de graduação e pós-graduação semipresencial. Há também um hospital, uma clínica de especialidades médicas, laboratórios de análises clínicas, inúmeras fábricas e indústrias de Biscoitos. Possui também os Laticínios Santiago, São Tiago (Cooperbom) e Santa Rita.

A cidade mantém atividades agropecuárias, como a produção de leite, café, milho, mandioca, feijão etc. No distrito de Mercês de Água Limpa e nas suas proximidades há ainda indústrias extrativas de minérios, como: ferro, manganês, bauxita, tantalita.

A religião predominante é a Católica e existem também denomi-

nações evangélicas, pentecostais, outras crenças religiosas e filosofias de vida.

Fazem divisas com o município de São Tiago: Bom Sucesso, Ritópolis, Nazareno, Conceição da Barra de Minas, Oliveira/Morro do Ferro, Passa Tempo e Resende Costa.

O município de São Tiago também tem vários artistas que desenvolvem seus dons e talentos na produção de artesanato, na música, na literatura, na poesia, no esporte e em tantas outras manifestações culturais, religiosas e folclóricas.

A cidade conta ainda com agências bancárias, sendo a instituição financeira Sicoob Credivertentes fundada em São Tiago e presentes em várias cidades e distritos da região. Possui clube campestre, clubes sociais, clubes de serviços (Rotary), salões de festas, campos de futebol, emissora de rádio (União FM 87,9) e instituições socioculturais e empreendedorísticas como Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST), Fórum Cultural e de Empreendimentos de São Tiago (FOCEST), Associação de Produtores de Biscoitos de São Tiago (ASSABISCOITO) e demais entidades de cunho educacional, filantrópico, agroindustrial, social e religioso.

No setor musical São Tiago conta com a corporação musical a Lira Imaculada Conceição, vários grupos musicais como a Banda Magnatas, Mário Ribeiro & Banda, Liberdade de Expressão e diversos corais religiosos.

A comunidade é atendida pelos serviços básicos de que a população precisa. Destacamos também, belezas naturais, porém, pouco conhecidas e exploradas. Na região, há ambientes que possibilitam a prática turismo de natureza com trilhas, banho de cachoeira e camping.

Marcus Santiago
Membro do IHGST

MEMÓRIAS DA JUVENTUDE

Vida no Pensionato da Imaculada Conceição

Na década de 1950/1960 funcionou em São Tiago, no conjunto de construções feitas pelo nosso pároco, Monsenhor Francisco Eloi, um pensionato com objetivo de receber estudantes que moravam em outras cidades que vinham para estudar. Não havia ginásios e colégios como vemos escolas para todos os lados, era tudo difícil.

As famílias achavam mais fácil e mais seguro deixar seus filhos aos cuidados de um sacerdote. Mas havia estudantes que ficavam nas pensões do Tio Luiz Caputo, Tonico Caputo, Cecília Mendes. Para as moças não era aconselhado ficar nas pensões devido à rotatividade de pessoas, vendedores, viajantes nesses locais. Outros vinham de fora e ficava na casa de parentes. Me lembro de moças vindas de Passa Tempo, Morro do Ferro, Carmópolis e ficavam no pensionato aos cuidados do Monsenhor Eloi e da Zélia Reis.

O pensionato ficava a esquerda da entrada central do colégio após o hotel. Os quartos ficavam no 2º pavimento e havia um bom número. Tudo muito simples e modesto, mas aconchegante. Em cada um deles duas a três camas e um guarda-roupas de solteiro, mesinha com espelho, onde as jovens colocavam seus pertences e um "toalete". Janelas estreitas em estilo venezianas, sem cortinas, mas bem arejados. Tudo muito limpo e organizado com esmero.

Dona Zélia a responsável pelo pensionato, recebia as jovens e as coordenava. Sempre conversava com elas, as consolava pela ausência da família e tranquiliza os pais que poderiam ficar despreocupados, pois ali havia um convívio sadio com todos. As alunas hospedadas no pensionato ficavam praticamente o semestre todo, pouco iam a suas cidades, aguardavam geralmente as férias.

Naquele tempo, tinham poucos recessos, com isso os pais vinham visitar as filhas. Tudo era muito difícil e longe. As jovens frequentavam missas e nossas casas para trabalhos em grupos, mas tudo monitorado pela dona Zélia e Monsenhor Eloi controlando horários e cobrando pontualidade. Não me recordo de nenhuma delas em aniversários, horas dançantes, bailes etc.

No térreo, uma entrada para o refeitório com inúmeras mesinhas de quatro lugares, cadeiras de madeira, sem luxo, toalhas limpas nas mesas, de tecido xadrez ou bordadas. Pequenas jarras sobre as mesas com florzinha colhidas ali mesmo no jardim. Completava a decoração um altarzinho de canto da sala. Quando entrávamos no refeitório íamos sempre beijar a fita azul de Nossa Senhora. O ambiente era tranquilo e familiar. É neste refeitório que os padres visitantes tomavam também as saborosas refeições. Não se ouvia música alta, não aconteciam aglomerações e ninguém recebia colegas e namorados. Lugar de bastante respeito e silêncio. Devia ser seguido todo o regimento do pensionato e cumprir fielmente os horários pré-determinados no



café e nas demais refeições. O chão brilhava, a cozinha cuidadosamente arrumada. Me lembro da "cozinheira dona Títina", preparando com carinho as refeições.

Com o aumentando de alunos e novas séries sendo criadas, o pensionato começou a receber professores. Na minha época eram três de Bom Sucesso, D. Hercy Bertolli, D. Resani e D. Luzia. Trabalhavam no Grupo Escolar "Afonso Pena". Ficavam hospedadas

o semestre todo. Para o ginásio vinham as professoras de São João del-Rei chegavam na quarta e voltavam no sábado, D. Sílvia, D. Cleusa e outras. Morando direto o mês todo, lembro-me de D. Mariinha (foi nossa paraninfa na formatura) e o professor Antônio Gaio, que lecionava matemática e um de Oliveira, o Sr. Jorge da família do Abraão, que lecionava ciências.

Como elas não recebiam ninguém em seus quartos, depois do almoço elas gostavam de passear. Normalmente, desciam por aquela rua do Hotel, passavam no chafariz, dava uma volta lá perto do Preste e subiam na minha Rua Prefeito Wanderley Lara. Corríamos para a janela para ver as professoras passeando, com roupas de casa, chinelos. Era muito legal vê-las assim, com trajes diferentes do horário de trabalho. Vinham conversando, tomando sol e, às vezes, abraçavam os alunos quando encontravam com eles. Pediam água em suas casas para tomar. Esses passeios eram quase todos os dias, gostavam de andar chupando laranjas, claro quando eram épocas delas.

Nos anos de 1965/1970, lembro de várias outras amigas que tive morando no pensionato como Gilda, Vânia, Mônica, Maria Evangelista e tantas outras que trago no coração. Os rapazes ficavam nas pensões e casas de familiares, nunca vi nenhum se hospedar no pensionato.

Monsenhor controlava tudo, gostava de comprar ovos da roça, perguntava quem tinha mamão, banana, verduras e geralmente eu ia lá com a mamãe levar no outro dia mamões maduros. Com isso, ele ficava muito feliz em oferecer frutas frescas para seus hóspedes.

Na entrada, na frente, havia cinco jardins enormes com muitas rosas e, sobretudo, margaridas, onde dona Zélia com muito esmero e carinho passava horas neste jardim cuidando e colhendo flores para colocar no oratório.

O Pensionato Imaculada Conceição teve grande importância na vida de muitas pessoas, tanto alunos, quanto professores, pois os abrigou possibilitando que muitas pudessem ficar para estudar e se formar para a vida. Os educadores vinham, trabalhavam e contribuíam partilhando o conhecimento.

Maria Elena Caputo



MEMÓRIAS DE JUVENTUDE

Semana da Comunidade de 1962 a 1970

Nosso Ginásio em São Tiago era dirigido pelo Monsenhor Francisco Elói de Oliveira, nosso pároco e diretor. Junto dele uma equipe de professores ilustres ajudava em sua administração.

As aulas iniciavam pontualmente às 18h. Monsenhor Elói sempre ali na frente das filas, com todo respeito e fervor rezava o “Angelus” e outras orações, ao final aproveitava para dar avisos. Dali observava quem chegava atrasado e lá da frente passava um “sermão” no aluno que não tinha pontualidade com os horários.

Éramos muitos alunos, salas cheias. As atividades escolares eram ministradas no 1º e 2º andares e, às vezes, até alguma turma tinha que estudar no palco do salão paroquial, faltava espaço. Lá cursei o 3º ano Colegial. Nossos uniformes eram impecáveis. O diretor não admitia “saia curta” e meninos com cabelo grande. Era tudo muito rígido!

Tínhamos muitas comemorações, desfile de 7 de Setembro, missas festivas, missões com padres capuchinhos, teatro no salão, horas cívicas etc.

Monsenhor Elói procurava realizar aulas e atividades bastante interativas, visando nosso crescimento para sermos cidadãos atuantes na sociedade. Promovia excursões e numa delas visitamos a mineração, fomos a Carmo da Mata, Passa Tempo, Mercês de Água Limpa etc. Quantas saudades! Além de passeios maravilhosos aprendíamos com as visitas nas localidades. Promovia o intercâmbio com alunos de outras cidades. Quando não recebíamos em nossas casas, éramos recebidas noutras casas por meio do intercâmbio.

Uma das atividades que todo ano acontecia era a corrida “Semana da Comunidade”. Não me lembro a época, mas acho que acontecia em setembro ou outubro. Era uma Semana muito esperada, diferente e bem preparada pelos professores. Envolveria todos os funcionários e parte da comunidade. Monsenhor Eloi era um “idealizador nato”! Às 18h, na entrada, lia o programa com entusiasmo e geralmente íamos para o salão de festas no horário estipulado, sempre após o recreio. Era uma novidade, subir sem fila, passar pela rua, entrar na praça, todo mundo olhando, àquela meninada, aquele ‘converseiro’ a animação dos ginesiandos e colegiais. Era tudo bom!



Para assentar no salão nobre, escolhíamos as cadeiras, para ficar junto a outras as amigas. Às vezes, nos posicionava próximos aos pretendentes, às paqueras. Todos esses momentos eram vividos com liberdade, alegria, entusiasmo e respeito.

O palco bem organizado, iluminado, havia uma mesa grande com toalha branca com rendas, vasos de flores, microfone e nossos professores compondo a mesma. Iniciava a cerimônia com o Hino Nacional e cantávamos

outros hinos como o “da Bandeira”, “do expedicionário”, “do soldado”, “La Marseillaise” e outras mais.

Nesta semana, as atividades eram mais livres, variadas e culturais. Tínhamos: desfile, campeonato, jograis, premiações, poesias, comédia, jornal falado e exposições. Toda noite, um palestrante trazia um assunto novo. Lembro-me de um tema, “Concílio Ecu-mênico” e outros ligados à saúde e medicina ficava a cargo do Dr. Armando, nosso médico na ocasião.

Acontecia a homenagem aos melhores alunos, aos destaques em matéria, série, notas do trimestre, semestre etc. Tecia elogios aos mais frequentes e participativos. Monsenhor Eloi chamava o aluno no palco, fazia os devido elogios, dava brindes, pedia muitas palmas e entregava os boletins com recomendações de assinatura dos pais. Me lembro de alguns destaques, meus colegas e grandes estudiosos: Ineida, Paulo César, Iara Romeiro, Naide, José Alves, Tomás, Ermínia Caputo, Haidê, dentro outros.

Cartazes e mesas ornamentadas com papel crepom e trabalhos de sucata enfeitavam os corredores, pátio, salas e entrada do Salão do Edifício São José. Em um dos dias, os pais eram chamados e tinha um bingo. Na minha casa, tem uma manteigueira, brinde



desta comemoração com pais.

Esta semana era de total importância em nossas vidas: saíamos da rotina, fazia-nos “mais pensantes”, “mais questionadores”, desenvolvia a criatividade, estimulava a socialização, a competição entre turmas e nos colocava a par de assuntos pertinentes à nossa comunidade.

Maria Elena Caputo

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

Ciganos na cidade!

Próximos às festas tradicionais de São Tiago, grupos de ciganos chegavam a esta cidade. Não eram anunciados, nunca sabíamos de suas vindas, nem do tempo que permaneciam por aqui. Geralmente, umas semanas antes, ficavam acampados nas redondezas, fora de seu perímetro urbano, aí faziam contato com a prefeitura, negociavam a permanência e o tempo e vinham depois para São Tiago no dia marcado.

Eu e várias crianças da minha idade morávamos bem, no início da cidade, onde a rua principal para saída para Oliveira, Rua Prefeito Wanderely Lara era por lá que passava todo o fluxo de trânsito: caminhões de transporte do Sr. Vicente Mendes, linhas de leite do Sr. Zeca, Enir, caminhão do Sr. Toniquinho (pai do Tomás), carros de passeio, ônibus de São João del-Rei para Divinópolis, enterros vindos dos povoados, cavalaria de compras no domingo, mascates com venda de couros, sandálias, chinelos, colchas de tear, carros de propaganda de comércio em São João etc.

Então, estes ciganos, na maioria das vezes, vinham em caravanas também por esta rua para entrar na cidade e se dirigirem até a praça combinada.

Nesta hora, a vizinhança ficava em total alvoroço, a notícia corria rápido de casa em casa e como quase todos eram parentes, corríamos em direção ao esbarrancado perto do Prestes e lá do alto, ficávamos observando a caravana de ciganos chegando pela Vargem a fora e cidade à dentro.

Esta época foi aproximadamente na década de 50, 60 depois houve modificação na chegada desses aventureiros. Normalmente esses grupos eram compostos por faixas etárias bem variadas: muitas crianças, idosos e a maioria jovens. Vinham montados em cavalos vistosos, bem cuidados, com longas crinas coloridas e escovadas com pelegos e repolhudos de cores fortes. Havia dependurados ao lado no areio muitos vasilhames como: tachos, bacias, conchas, painéis, peneiras, latas, penicos, colchões e enormes trochas de chitão colorido.

As mulheres ciganas, com filhos no colo, no mesmo cavalo, portando vestidos de fartos panos estampados e floridos, saias rodadas com grandes bolsos, ornamentos de fita, cetim, rendas, veludos, colo à vista, seios erguidos, cinturas bem demarcadas, grandes brincos de argola, braceletes com flores e pedras salientes, diversos colares, anéis e sandálias enfeitadas. Todas com cabelos compridos, emoldurados por tranças bem feitas ou com lenços coloridos ornamentando parte dos cabelos na testa. Montavam viradas para um lado do cavalo a exemplo da montaria feminina denominada "Silhão".

Nossa curiosidade era enorme, ficávamos cheios de perguntas sem respostas, Como seria a vida destes peregrinos andantes? Nossos vizinhos e parentes com total zelo nos alertava o tempo todo, "Cuidado! Não cheguem perto, pois ciganos roubam crianças. Principalmente meninas". E aquele cortejo ia seguindo, rua a fora, passando por nós com "indiferença" numa prosa animada e confusa seguindo para a praça, aonde alguém já viera antes negociar suas estadias. Geralmente, ficavam na Praça da Matriz que ela longa e se estendia até onde é hoje a Biblioteca Pública. A praça além de grande havia partes com grama e nesses locais eram amarrados os cavalos para alimentar, com um ponto com a torneirinha pública e as casas que circundavam a praça, quase todas com grandes árvores (mangueiras, abacateiros, laranjeiras etc). Enfim, uma grande praça muito aplausível para se permanecer. Chegavam, montavam o acampamento com rapidez e agilidade, indiferentes aos "olhares curiosos do povo" iam dar água e comida

para os animais.

As mulheres ciganas com habitual presteza, estendiam grandes panos no chão, colocavam suas crianças, colchões e grandes almofadas coloridas de todas formas e tamanhos. Faziam amontoados de vasilha de cobre e alumínio, amarravam os cachorros,

improvisavam um cercado para galinhas e algumas tendas iam se fechado para maior privacidade com cortinas e panos fartos.

Os homens cigarros começavam as andanças pelas ruas "negociando", "bargaiando", fazendo trocas e passando "mantas nas pessoas". A moeda sempre era troca: trocavam vasilhas, arreios por víveres, galinhas, tachos, bacias por mantimentos etc.

As ciganas mulheres cozinhavam ao ar livre, grandes painéis com galinhas e girais cheios de vasilhas brilhando ao sol. Grandes varais eram estendidos com muitas roupas, secando. Algumas saíam pelas ruas: benzendo, pedindo, passando cartas, lendo sorte, sugerindo despachos e curas milagrosas.

À noite, festa, fogueira, danças e cantoria. As crianças filhos dos ciganos tinham vagas garantidas no grupo escolar, era muito interessante receber colegas ciganos. Eles contavam muitas coisas das andanças deles. Fora da escola, não podíamos ter amizade, sempre alertadas pela família, "Os ciganos não são gente para ter amizade, pois não tem paradeiro. São do mundo." Outras vezes, "não traga ciganos em nossa casa."

Os ciganos levavam uma vida normal no acampamento, pegando água no chafariz, fontinha, torneira pública. Faziam algumas amizades, frequentavam o comércio, compravam tecidos, procuravam costureiras. Valdete, minha prima, por exemplo, chegou a fazer uns dez vestidos para ciganas. Quando iam "fazer a prova do vestido", os adultos nos mandavam para a horta, se esconder debaixo da cama ou atrás da porta (por precaução). Eram vestidos fartos e muitos luxuosos.

Consegui visitar um acampamento rural, no Capão com tio João Vieira. Ele permitia que eles ficassem em suas terras, próximo a um riacho muitas semanas. Era tudo muito lindo e divertido com ordem e alegria.

Com o passar dos anos, os ciganos abandonaram os cavalos e começavam a vir para as cidades de outras formas: caminhões novos, carros do ano, caminhonetes grandes, muitos eletrônicos e luxo. Aí, tudo mudou já não tinha mais "aquela magia", aquela beleza. Foram modificados seus modos de se vestirem, aderindo a "jeans", malha, nylon, a linguagem ficou bem elaborada e os usos da tecnologia passou a dominá-los.

A partir da década de 1970, não tivemos mais esta presença em nossa cidade. Migraram para as periferias das capitais para cidades grandes e lá aderiram outros modos de conviver em sociedade. Felizes das crianças da minha época que juntas tiveram mais essa significativa experiência de conhecer e conviver de perto da cultura cigana.

Maria Elena Caputo

